
RUBEM ALVES, Teólogo da Esperança

Newton Aquiles von Zuben

Professor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas*

*Permanecemos humanos enquanto
existe em nós a esperança da beleza
e da alegria.*

Rubem Alves

Não importa nossa crença ou descrença, que nosso anseio à sabedoria tome a forma de uma meditação sobre a vida ou uma meditação sobre a morte, quando esta irrompe como um ladrão, sem avisar o dia e a hora, não nos é possível frear um sentimento de estupor e de tristeza. A morte do Rubem, tirado do afeto dos seus, excluído da amizade de seus colegas, é daquelas que provocam a incompreensão diante da injustiça do destino.

Há alguns meses tomamos conhecimento do falecimento dos professores Rubem Alves e José Luiz Sigrist, colegas nossos no Departamento de Filosofia e História da Educação, da Faculdade de Educação da Unicamp. Pertencíamos ao primeiro grupo de docentes desse Departamento, historiadores e filósofos formados no Brasil, outros com formação filosófica realizada no exterior, alguns na Europa e outros nos Estados Unidos. A diversidade de origem acadêmica e de posições filosóficas e ideológicas diversificadas foi assumida de modo a preservar o respeito das diferenças e uma atuação articulada trazendo resultados positivos na atividade acadêmica, na docência e na pesquisa. Com satisfação aceitei o convite para apresentar considerações revivendo momentos daquela época relacionados com os colegas falecidos no ano passado. Decidi restringir-me ao Rubem, pois foi com ele que passei pela forte

* Professor Titular aposentado da Unicamp.

experiência pessoal de debate acadêmico sobre questões específicas de meu interesse, provocadas pelas primeiras obras de Rubem no campo teológico. Na ocasião estava trabalhando na tradução da obra *Ich und Du* de Martin Buber, que foi publicada em 1979. Meu tema de pesquisa relacionava-se ao pensamento desse pensador judeu, filósofo e cientista da religião. Rubem havia publicado nessa época sua tese doutoral, *A theology of the human hope*, traduzida por *Esperança*. E logo em seguida publicou *O enigma da religião*.

Não ousou estender-me em demasia, restrinjo-me a uma experiência particularmente gratificante, que infelizmente não me ocorreu, senão muito raramente, revivê-la posteriormente. Afinal, o singular nesses eventos fáticos de uma vida acadêmica que me foi dado experienciar retratava o diálogo com um teólogo presbiteriano já renomado por suas firmes posições críticas consideradas heterodoxas na teologia presbiteriana. Os diversos encontros e conversas sobre essas questões me marcaram muito durante os anos que passamos na Faculdade de Educação.

Rubem Alves, poeta, teólogo, filósofo, professor, educador, escritor, psicanalista, enfim um pensador herdeiro direto de Sócrates! Irônico, perspicaz, crítico, mestre de pensamento e de atitude, incentivador do diálogo e da alegria. Seus muitos orientandos e aqueles que tiveram a oportunidade de tê-lo como professor na Unicamp podem atestar isso muito bem. Pensava com seus alunos proferindo palavras densas e claras e quem o acompanhava sabia como pensar no reino da filosofia. Em um pensador como Rubem o rigor da discursividade parecia abrandar-se e o movimento do discurso não deixava aparecer senão o impulso da generosidade que é, ao mesmo tempo, a disponibilidade sem reservas em relação àquilo que sempre excede o dizer efetivo e a audácia do coração que ousa fazer-se cenário para os recursos da palavra. Penso que a atividade ou o ofício principal do

saudoso colega foi o professorado do tipo socrático. Aquele que provoca no outro, na fala e na escrita, o *élan* da reflexão crítica e reconhece sem temor sua própria ignorância. Suas atividades outras se inspiraram nessa *virtú* primordial. Afinal “a vida não refletida não vale a pena ser vivida” (*Apologia de Sócrates*). Percebo hoje que Rubem conduziu sua vida acadêmica segundo a baliza de um confronto com pensamentos demasiado certos de sua segurança e de suas certezas. Ele, como Sócrates, era o moscardo que com seu ferrão despertava o interlocutor de seu pretenso saber.

Conheci Rubem quando ele era professor na UNESP de Rio Claro, pouco antes de seu ingresso no IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) da Unicamp em 1974 e, finalmente, na Faculdade de Educação. Pouco antes, em 1972, eu havia sido convidado para ingressar na Faculdade de Educação, então sob a direção do prof. Montezuma. O intermediário desse ingresso foi o prof. Joel Martins, então coordenador da Pós-Graduação da PUC-SP, onde eu havia ingressado em 1971, no ano seguinte à minha volta da *Université Catholique* de Louvain. Pois bem, por solicitação do orientador, Rubem, a Congregação da Faculdade de Filosofia da UNESP em Rio Claro havia aprovado meu nome como membro titular da banca de tese de doutorado em Filosofia do prof. José Luiz Sigríst, que por sua vez viria a ingressar no Departamento de Filosofia e História da Educação (DEFHE) da Faculdade de Educação.

Rubem dedicava-se à docência e às suas obras já conhecidas e consagradas no campo da educação e da literatura infantil. Em suas aulas não era só um intérprete de grandes pensadores, mas ensinava a pensar meditando em voz alta diante de seus alunos, levando-os a descobrir como se debate com uma questão, com uma ideia, com as palavras que as proferem e como a palavra pode ser ouvinte. Como coordenador da Pós-

graduação, pude tomar conhecimento das impressões dos alunos sobre as aulas e seminários do Rubem, sobretudo no doutorado do nosso Departamento, aprovado em 1978. Rubem foi, sem dúvida, um pensador com singular sensibilidade e capacidade de admiração (a qual, segundo Platão, é a origem do filosofar) diante da realidade, das coisas materiais e espirituais! Credito a essa disposição de excelência o resultado de suas meditações, as obras as mais variadas, de teologia, filosofia, educação, sem que a densidade e a simplicidade de linguagem cedessem à superficialidade. A diversidade de seus interesses testemunha uma rara abertura de espírito, uma cultura sólida e abrangente.

Por muitos anos (décadas de 80 e 90) fomos colegas de Departamento, no mesmo corredor do prédio da Faculdade de Educação da Unicamp. Tínhamos tempo, furtado de funções burocráticas, evitadas por ambos, para conversas diversas e diálogos filosóficos. Eram momentos mais agradáveis na vida acadêmica: questões várias, de interesse mútuo sobre filosofia, sobretudo sobre filosofia da religião. Quando se tratava de educação, poesia, literatura e política, a palavra ficava com Rubem expondo suas ideias, concepções e críticas ao sistema vigente! Suas obras sobre educação atestam suas posições críticas ao ensino que reduz a escola a uma etapa maçante na vida do estudante, criança, jovem ou universitário. Recordo-me de suas constantes críticas ao sistema de vestibular e sua proposta “inovadora”, anarquista até (!), mas rejeitada por grande parte do mundo acadêmico. Argumentava ele que o ensino médio é estruturado para ser uma porta ao vestibular, tendo como resultado a esterilização da criatividade do aluno. Poderia levar ao “pensamento único”, massificado. Sua proposta era o sorteio! Mais democrático, dizia ele! Vestibular por sorteio.

Original na arte de se admirar, erudito sério, mas muito alegre em tudo o que pensava, escrevia e ensinava. Ensinar, dizia ele, é um ato alegre, de amor. Conseguia transformar coisas e fatos cotidianos e anódinos em tema de profunda reflexão, e deixar as questões densas de filosofia assimiláveis por todos, até para os não iniciados. Assim, suas falas, cursos e palestras eram muito concorridos. Devia ser severo com os pedidos de orientação para mestrado ou doutorado, dado o número de candidatos. As sessões de defesa, sobretudo de doutorado, eram verdadeiros “eventos”, singulares mesmo. Na verdade, o debate sobre a temática, o mais das vezes, provocado por Rubem, transcorria acalorado entre os membros da banca, deixando o candidato com ar surpreso, atônito... diante da cena, nervoso, não sabendo qual era “a desses professores examinadores” (!), até que alguém, interrompendo com certo pesar esse “debate”, lembrava a todos onde realmente estávamos e que devíamos “respeitar” a ordem das coisas! Afinal, a palavra importante, senão a principal, era reservada ao doutorando em sua defesa. Inegavelmente tratava-se de um “acontecimento” afetado por especial significado acadêmico. Ao final o candidato mostrava-se curioso por ter passado por tal experiência na qual sua tese tivera provocado o primeiro e acalorado debate!

Suas obras infantis, cujo público-alvo era também adulto, são exemplo dessa habilidade de tornar o complexo simples, e de extrair das coisas simples, profundas reflexões orientadoras de conduta pessoal. Lembro-me de livros como *A menina e o pássaro encantado*, *A pipa e a flor*, *O patinho que não aprendeu a voar* e outros mais. Assim, como a *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carol, não são obras simplesmente infantis, mas para adultos se esses forem habilitados a um tipo de “pensar”!

Como vizinhos de sala, tive o prazer de aprender muito com Rubem e discutir questões que nos eram de interesse mútuo. Interessei-me

particularmente em conversar com o teólogo-filósofo. Ele, nascido em Boa Esperança, o renomado “teólogo da esperança”, um dos artífices da “Teologia da libertação”, à época tema central da agenda entre teólogos e filósofos da religião. Rubem, com sua tese doutoral, *A theology of human Hope*, publicada em 1969, que, na expressão dele, “é um broto daquilo que posteriormente receberia o nome de teologia da libertação”; e eu, estudioso da obra de Martin Buber, com a tese doutoral sobre *A relação em Martin Buber* (1970), interessado em Antropologia filosófica e Filosofia da religião, pudemos colocar na mesa das conversas muitas questões que não se aproximavam muito do *Zeitgeist* específico que nos acolhia então, pois tais questões específicas não eram objeto de seminários e cursos. Rubem conhecia muito bem aspectos da obra de Buber e nossas discussões foram especialmente estimulantes. Lembro-me de uma temática que tomou alguns encontros de duração, nos quais aprendi muito com o pensar teológico (heterodoxo) de Rubem, expulso de sua igreja por contrariar subversivamente a ortodoxia dogmática presbiteriana. Comentei com ele, por volta de 1985, que havia participado de um congresso na Europa e encontrado um renomado teólogo presbiteriano de origem francesa, naturalizado americano, Gabriel Vahanian. Havia tomado conhecimento da obra de Vahanian e tive a oportunidade de aprender muito com suas ideias teológicas, expressas em obras posteriores ao célebre *La mort de Dieu*, que havia provocado inúmeras discussões e debates no mundo teológico e filosófico da época. Rubem tinha conhecimento dessa obra. Poucos anos mais velho que Rubem, Vahanian doutorou-se no mesmo *Princeton Theological Seminary* e publicou uma obra que seria considerada um marco, nos anos 60, no debate teológico do denominado movimento da “morte de Deus”, ou, segundo outros, “Teologia da morte de Deus”. O título na sua tradução francesa é *La mort de Dieu: La culture de notre ère post-*

chrétienne, publicado em 1962. Influenciado por Karl Barth, Vahanian apresentara suas considerações críticas severas contra o cristianismo e anotara os sintomas da degradação progressiva e da invalidação do cristianismo por ele mesmo. Nessa obra Vahanian apresenta, de modo claro e denso, a agonia religiosa do cristianismo e a agonia cultural do cristianismo, argumentando que estaríamos (1960) numa era pós-cristã. Vahanian se voltava contra a objetivação de Deus. O Deus morto para Vahanian era o deus como artefato cultural.

Como Rubem conhecia muito bem a questão, eu o provoquei, interessado que estava em saber mais sobre essa temática. Ouvi atentamente, por um bom tempo, a fala densa de quem dominava o assunto de modo soberbo. Para Nietzsche, disse-me Rubem, a “morte de Deus” tinha um significado anticristão, e para Vahanian tais termos evocam uma era pós-cristã. E, para esse teólogo, a religiosidade do cristianismo se degradava, estava em agonia. E depois de bom tempo já não percebia se era Nietzsche que falava, se Vahanian, ou era o Rubem pensando alto! Foi uma tarde inesquecível na qual aprendi muito. Viera à minha mente o livro de Buber que seria publicado em português bem mais tarde com o título *Eclipse de Deus*, no qual o pensador judeu apresenta seu pensamento sobre a religião. Estava analisando essa obra para um trabalho que estava desenvolvendo na época. Creio que mostrei alguns aspectos do pensamento de Buber sobre essa questão, e ele mostrou-me melhor os pontos de sua outra obra, *Enigma da religião*, na qual aborda tal problema.

Recordo-me de outra ocasião, logo após a publicação do seu *O que é religião*, em que o provoquei sugerindo o problema crucial: Afinal, tem o filósofo o direito de pensar a religião? Discutia-se, à época, se não me engano, a questão do ensino religioso nas escolas em meio à expansão crescente do processo de secularização da sociedade. Comecei por uma

consideração com a qual Rubem concordou; mantinha-me no cenário filosófico e Rubem no cenário da teologia e da história das religiões. Observei que essa questão prévia de uma filosofia da religião é, ao mesmo tempo, antiga e moderna, e que na história do cristianismo remonta à aurora da reflexão teológico-filosófica com os Padres da Igreja. Tratava-se da questão das relações do helenismo com o cristianismo primitivo. Deixamos de lado tal questão e retomamos a primeira. E lembro-me de que houve acordo entre nós quanto a perceber que o que incomoda o filósofo no discurso religioso é o modo imaginativo pelo qual ele se apresenta, o mais das vezes, e que parece relevar mais uma opinião, *doxa*, do que uma *episteme*. E evocou Spinoza, numa passagem específica, quando afirmou que a religião provinda da Bíblia não ensina a verdade teórica, mas orienta a prática com retidão. De qualquer modo, houve consenso entre nós ao considerarmos que a questão das relações entre filosofia e religião é espinhosa, pois é necessário que se respeitem, simultaneamente, as exigências legítimas da razão e também aquelas da fé. A tese aceita é que qualquer aproximação conceitual, racional, de Deus tem limites. Afirmar que uma questão é espinhosa não seria o modo oblíquo para o filósofo defender que não se deve decidir definitiva e prontamente sobre o valor de verdade ou sobre a pertinência de uma questão, sob pena de sucumbir a uma atitude dogmática pondo em risco justamente o substrato do questionamento que é o diálogo, o debate arrazoado?

Esse momento representa uma agradável oportunidade de relembrar Rubem como colega professor, poeta, teólogo, pensador. Com o psicanalista não cheguei a conviver! Há três décadas mantive encontros de bela convivência acadêmica, sem formalidades e respeitando as diferenças. Posteriormente não tive um retorno de Rubem a respeito disso... mas foi especialmente significativo para mim. Não se estabeleciam regras, mas a

conversa “rolava”. Simplesmente eu ia à sua sala e começávamos a conversar. E quando algum colega passava pelo corredor, entrava e participava... Eram questões e temas que, embora não estivessem no âmbito daquilo que se fazia no nosso Departamento, nos grupos de pesquisa, eram de interesse mútuo, e Rubem nunca rejeitou a oportunidade de discussões desse tipo. Aprendi com o seu pensamento teológico poético das duas obras que citei.

Não me lembro de algum dia ter indagado sobre as razões pelas quais o Rubem teólogo, de relevante presença no cenário latino-americano do movimento da Teologia da libertação, com pensamentos e posições críticas e de repercussão internacional, tenha dado, muito cedo, lugar a outros interesses teóricos e acadêmicos. Até onde tenho conhecimento, seu pensar teológico mais sistemático restringiu-se ao primeiro momento de sua carreira. Por outro lado, manifestaram-se a grandeza e a beleza do Rubem poeta, o artista dos textos belos e cativantes para o público infantil, o educador, o cronista. Na verdade, a academia pôde descobrir outras faces de sua figura cativante, por vezes irreverente, mas sempre solícita.

Foi muito interessante o dia em que muitos amigos descobriram sua “sabedoria” culinária. Imagine-se esse pensador meditativo – um místico, eu ousaria dizer – e sua intuição magistral de abrir um restaurante! Talvez, creio eu, nem tanto pela degustação prazerosa da culinária mineira, porém mais para acolher amigos para as conversas infindas sobre qualquer coisa e sobre... tudo: música, teatro, enfim, coisas do Rubem que encantaram todos os que tiveram a oportunidade de com ele conviver.

Rubem, por tudo isso sou-lhe muito grato e permita-me louvar com reverência a alegria de suas vidas, a passada e a atual!

Já tive medo da morte. Hoje não tenho mais. O que sinto é uma enorme tristeza. A vida é tão boa! Não quero ir embora...

Esse desejo, infelizmente, não lhe foi concedido realizar...